



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NEWSLETTER

NÚMERO **137**
OUTUBRO 2012

ORQUESTRA GULBENKIAN 1962 - 2012

50



4

Sagração de outono

No dia 22 de outubro de 1962, o Teatro Nacional D. Maria II recebia a recém-formada Orquestra de Câmara Gulbenkian que se estreava publicamente num festival dedicado ao centenário do nascimento de Claude Debussy. Cinquenta anos passados, é tempo de comemorar a história e as várias fases da Orquestra, mas também olhar para o futuro com a nomeação de um novo maestro titular para a temporada 2013/14.



8

Jovens cientistas em Londres

Quatro jovens portugueses, entre os 17 e os 19 anos, participaram este ano no London International Youth Science Forum, que reuniu três centenas de estudantes de todo o mundo, para aprenderem sobre o papel do conhecimento científico na mudança do mundo em que vivemos. Apoiados pela Fundação Gulbenkian, estes jovens vencedores de várias olimpíadas nacionais e internacionais nas suas áreas, trouxeram de Londres muitas ideias e esperança na ciência.

10

IGC: passado e futuro

A 30 de setembro, António Coutinho deixou a direção do Instituto Gulbenkian de Ciência para passar a integrar o novo Conselho de Gestão, encarregado de preparar a progressiva autonomia do Instituto. No texto de reflexão sobre os 14 anos em que foi diretor, Coutinho lembra que o IGC, além de ter contribuído para o avanço internacional da ciência, “formou, importou e incubou uma elite de jovens investigadores em biomedicina, cuja excelência revolucionou o panorama nacional.”

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 137. OUTUBRO. 2012 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

COLABORAM NESTE NÚMERO Ana Mena | Ana Barata | DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro [DDLX] | REVISÃO

DE TEXTO Rita Veiga | FOTO DA CAPA © Pedro Ferreira | IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas | TIRAGEM 10 000 exemplares |

Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Böcklin, *Sirenes* © Alte Nationalgalerie Berlin

20

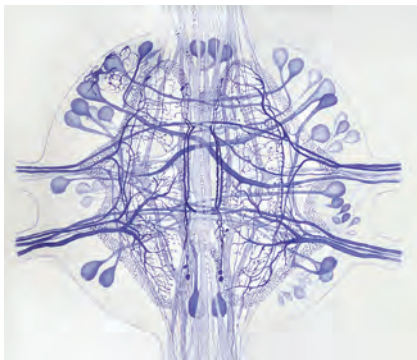
As idades do Mar

O Mar, nas suas várias representações físicas e simbólicas, estará em foco na nova exposição do Museu Calouste Gulbenkian que abrirá ao público no **dia 26**. A exposição *As Idades do Mar* reúne 108 obras vindas de meia centena de instituições nacionais e estrangeiras. O Museu d'Orsay contribui para esta mostra com mais de uma dezena de peças da sua excecional coleção.

22

As cores do pensamento

Até 25 de outubro, o Jardim Gulbenkian e o Terreiro do Paço mostram representações visuais do cérebro em grande formato, relacionadas com reproduções de obras de arte. As imagens do cérebro aqui apresentadas são obtidas através de técnicas sofisticadas, utilizadas por eminentes investigadores que no mundo inteiro têm colaborado entre si, transpondo fronteiras e produzindo imagens com cores vivas. A exposição complementa a conferência **Brain.org** que terá lugar nos **dias 9 e 10** deste mês, no Auditório 2 da Fundação.



Retzius G., *Sistema nervoso central de Hirudo Medicinalis*, desenho de 1891



Prato Iznik © Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa

24

O futuro da alimentação

O ciclo de conferências regressa no Dia Mundial da Alimentação, **16 de outubro**, com a temática do consumo de peixe e os riscos e benefícios associados a este consumo. Numa época crucial para falar do futuro da alimentação, José Lima Santos, professor universitário e comissário do ciclo escreve na secção Um Outro Olhar: “O nosso sistema de produção e consumo de alimentos está ferido de graves problemas de insustentabilidade. Precisamos de uma nova ‘revolução verde’ ecológica, bem como de uma revolução no consumo alimentar.” (Pág. 18)

índice

primeiro plano

4 **Sagração de outono**

notícias

8 **Jovens cientistas em Londres**

10 **IGC: passado e futuro**

12 **Células do pólen mantêm memória para controlar genes**

12 **Clima e geologia afetam genoma das espécies**

13 **Colóquio digital**

13 **Retrato das Identidades Europeias**

14 **breves**

bolseiros gulbenkian

16 **André Conde**

um outro olhar

18 **José Lima Santos**

em outubro

20 **As Idades do Mar**

22 **As Cores do Pensamento**

24 **Alimentação, Ambiente e Pescas**

24 **A Linguagem Secreta do Universo**

25 **Naná Vasconcelos no Grande Auditório**

26 **Dia D lança nova temporada Descobrir**

28 **novas edições**

29 **catálogos de exposições na biblioteca de arte**

uma obra

30 **Sinfonia Azul**



ORQUESTRA GULBENKIAN 1962 - 2012
50

Sagração de outono

50 Anos da Orquestra Gulbenkian

No dia 10 de dezembro de 1959, o Conselho de Administração da Fundação reunia-se, sob a presidência de José de Azeredo Perdigão, para a última sessão do ano. O Serviço de Música tinha sido criado no ano anterior,

desse vazio, o Conselho considerou não existirem condições para a Fundação assumir o encargo de “criar e manter uma orquestra sinfônica”, elegendo, como prioridade, a criação de uma academia de música.



e, desde então, debatiam-se linhas de orientação e estratégias a aplicar num país empobrecido, com poucos recursos e uma anémica cultura musical. A agenda, nesse dia, era curta. Em discussão estava um projeto de criação de uma orquestra tutelada pela Fundação, num país que dispunha apenas de uma formação de qualidade, a Orquestra Sinfônica da Emissora Nacional. Apesar do reconhecimento

Dois anos mais tarde, numa reunião realizada a 9 de dezembro de 1961, o Conselho inverte as prioridades, decidindo atribuir uma verba de “mil duzentos e setenta contos” para a criação “imediata” de uma orquestra de câmara. Nessa reunião, José de Azeredo Perdigão admitia que a falta de uma boa orquestra era a principal dificuldade encontrada pelo Serviço de Música para cumprir o seu

programa de ação. A Orquestra da Emissora Nacional tinha a sua agenda e os seus compromissos próprios e, por isso, não podia ser aproveitada nas melhores condições. Estavam, assim, abertas as portas para o nascimento de uma formação que iria marcar a vida cultural portuguesa.

A CRIAÇÃO DA ORQUESTRA

A palavra “imediate” fez disparar várias diligências para que esta deliberação se tornasse rapidamente realidade. A missão da orquestra era clara: “contribuir, de maneira efetiva e regular, para a difusão da cultura musical, principalmente entre os jovens e em certos meios da província menos preparados para este género de realizações artísticas” (relatório do presidente 1960-1962).

Os músicos foram escolhidos por um júri de especialistas nacionais e estrangeiros, formado por Luiz Anton, professor do Conservatório de Madrid, Carlo Fellice Lillario, diretor da Orquestra de Câmara Angelicum, o musicólogo João de Freitas Branco, o maestro Fernando Cabral e ainda por Macario Santiago Kaster, professor do Conservatório Nacional de Música.

Este último tinha sido, aliás, responsável por um anteprojecto para a criação de uma orquestra, encomendado pela Fundação, entregue em agosto de 1961. Entre várias recomendações, o professor defendia: “Nenhum diretor de orquestra pode exigir um grande rendimento artístico de um músico que pertence simultaneamente a uma banda e a mais dois ou três conjuntos musicais [...]. Um membro da orquestra não deve tocar num mesmo dia marchas militares, música ligeira, jazz, rock&roll e interpretar ainda Bach, Vivaldi, Mozart, Debussy ou Nono.”

Ora, se a estrita separação dos géneros musicais não foi propriamente levada à letra 50 anos depois (basta ter seguido a festa do cinquentenário da orquestra, realizada no dia 15 do mês passado), já a ideia da dedicação exclusiva para a criação de uma estrutura de qualidade foi fundamental na génese da Orquestra de Câmara Gulbenkian. Num país de poucos recursos, tal implicava criar condições que permitissem aos músicos evoluir sem grandes dispersões.

Orientada nestes princípios, surge a Orquestra de Câmara Gulbenkian, composta por doze instrumentistas de corda e um cravista, vocacionada para o repertório barroco.

Cedo se converteu numa estrutura profissionalizada, ensaiando entre “18 a 30 horas por semana”, de acordo com o regulamento que esteve na base da sua formação. Os salários dos músicos, entre os “quatro mil e seis mil escudos”, na altura considerados elevados, foram criticados por se rezear uma fuga dos melhores músicos nacionais para a recém-formada Orquestra. Esta reacção levou mesmo o presidente da Fundação a fazer uma declaração pública rejeitando esse cenário.

O PRINCÍPIO DE UM LONGO CAMINHO

A primeira apresentação pública deu-se no Teatro Nacional D. Maria II, no dia 22 de outubro de 1962, num festival dedicado ao centenário do nascimento de Claude Debussy, organizado pela própria Fundação Gulbenkian. A Orquestra tocou (de pé, à maneira barroca) *Dança Sagrada* e *Dança Profana* sob a direção do maestro Lamberto Baldi.

O jornalista enviado pelo *Diário de Notícias*, sublinhava, na sua crónica, a interpretação “cuidada”, referindo ainda que “os muitos aplausos para a harpista, para o maestro, bem como para todos os músicos deixavam antever um longo caminho”. Bem anteviu o jornalista ao aludir a um longo caminho, que agora se celebra, 50 anos depois.

Na primeira nota biográfica da Orquestra publicada a 9 de julho de 1963, por ocasião de um concerto realizado no Museu Grão-Vasco, podia ler-se que a Orquestra se dispunha “a facilitar a renovação e o alargamento do repertório habitual dos concertos” incluindo no seu repertório “obras desconhecidas ou raramente ouvidas”, bem como “composições de autores portugueses, algumas das quais encomendadas expressamente”.



A *Sinfonietta op. 35* de Joly Braga Santos foi, assim, a primeira de muitas obras que a Orquestra Gulbenkian deu a ouvir em primeira audição absoluta ao longo destas cinco décadas. A apresentação teve lugar no dia 28 de maio de 1963, no Teatro Tivoli.

Já a estreia absoluta de uma obra encomendada pela Fundação – *Diferenças sobre Um Intervalo*, de Constança Capdeville – ocorreria seis anos mais tarde, no dia 6 de junho de 1969.



Orquestra Gulbenkian dirigida por Pedro Neves, no dia 15 de setembro

Fora do país, a primeira apresentação deu-se em 1964, em Santiago de Compostela e Pontevedra. É precisamente nesse ano que nasce o Coro Gulbenkian, que se junta pela primeira vez à Orquestra num concerto no Teatro Tivoli e que deu a ouvir a primeira audição moderna do *Magnificat* de Carl Philipp Emanuel Bach, sob a direção de Pierre Salzman. A partir daí, grandes peças corais passam a incorporar o repertório habitual da Orquestra.

A primeira edição discográfica da Orquestra teve lugar em 1965 para a editora Philips e foi distinguida com um Grand Prix du Disque. Sob a direção de Renato Ruotolo, reunia um conjunto de compositores portugueses do século XVIII, como Carlos Seixas e João de Sousa Carvalho.

Nos três anos que se seguiram à sua criação, a Orquestra aumentou o número de músicos para mais do dobro, chegando aos 26 instrumentistas (cinco dos quais de sopro), desdobrando-se em atuações que passaram a marcar a cena musical portuguesa, tanto em Lisboa (nas Semanas Musicais) como por todo o país (nas Jornadas Musicais).

NOVA VIDA PARA A ORQUESTRA

Em 1969, com a inauguração dos edifícios da Fundação, a Orquestra passou a dispor de uma sala própria com 1200 lugares. O concerto inaugural realizou-se no dia 3 de outubro desse ano, com a primeira audição moderna do *Te Deum* de João de Sousa Carvalho, num concerto que juntou a Orquestra e o Coro Gulbenkian, dirigidos por Gianfranco Rivoli.

A partir daí a Orquestra repartiu a sua atividade entre a chamada Programação de Inverno, de outubro a março, no Grande Auditório, e as Jornadas Musicais, entre abril e julho, em várias salas de concerto do país.

No final da temporada de 1969/1970, já com 37 músicos, a Orquestra passou a chamar-se simplesmente “Orquestra Gulbenkian”, o que se traduziu um sucessivo alargamento

do repertório, do número de concertos, de edições discográficas e de digressões. Passou a centrar a sua atividade no seu palco próprio, ao longo de temporadas regulares.

Hoje a Orquestra conta com praticamente o dobro dos elementos, abrangendo um amplo repertório sinfónico, numa demonstração de grande versatilidade aliada a uma evidente maturidade.

Alguns dos principais momentos do percurso da Orquestra ao longo destes 50 anos estão em destaque numa exposição alusiva – **Ponto de Fuga – 50 anos de Orquestra** – patente na Fundação Calouste Gulbenkian até ao dia 21 de outubro. Podem ser escutadas ali algumas gravações históricas, com especial destaque para a primeira atuação da Orquestra, em outubro de 1962, há precisamente meio século. ■



Ton Koopman nos bastidores, imagem do filme Intervalo

Orquestra Gulbenkian em filme

Intervalo é um documentário de autoria de Tiago Figueiredo encomendado pela Gulbenkian Música para assinalar os 50 anos da Orquestra. Ao longo de pouco mais de uma hora, ao sabor de pequenos episódios, o filme dá a conhecer alguns dos protagonistas desta “estranha comunidade humana”, como alguém lhe chamou, formada por músicos oriundos de mais de uma dezena de países.

Os espectadores são conduzidos, ora dentro ora fora das portas da Fundação, por uma câmara que está lá como se não estivesse, que filma fragmentos da vida dos músicos entre concertos, expondo momentos do seu dia a dia: em casa, na rua, nos bastidores ou nos ensaios. Sucedem-se registos de conversas, estados de espírito, gestos dispersos da equipa técnica, e pedaços de concertos são mostrados em ângulos pouco habituais, inacessíveis ao olhar do público.

Intervalo tem a duração de 70 minutos e será exibido no dia 17, às 19h, e no dia 19, às 17h, no Grande Auditório. ■

Entrada livre

Paul McCreesh é o novo maestro titular da Orquestra Gulbenkian

O maestro britânico Paul McCreesh foi nomeado Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, assumindo estas funções a partir do início da Temporada 13/14. Sucede ao maestro Lawrence Foster que, em junho de 2013, termina o seu bem-sucedido mandato de 11 anos.

Tendo-se afirmado inicialmente como fundador e diretor artístico do Gabrieli Consort & Players, criado em 1982, Paul McCreesh é também reconhecido pelo seu diversificado trabalho com orquestras modernas, coros e casas de ópera de todo o mundo, abordando um largo e variado repertório. De 2006 a 2012, foi diretor artístico do Wroclaw Cantans Festival, em Wrocław (Polónia), e em 2011 lançou a sua própria editora discográfica, a Winged Lion.

Nas palavras de Risto Nieminen, diretor do Serviço de Música: “Paul McCreesh dirigiu *As Estações* de Haydn, em novembro de 2011, com a nossa orquestra e o nosso coro e imediatamente percebemos que havia uma excelente química. Produziu um som vivo e claro e transmitiu uma energia muito positiva aos músicos e ao público. Paul é um artista muito experiente e conhecedor e esta sua nomeação dá à orquestra uma grande oportunidade de se desenvolver sob a sua liderança.”

Em janeiro de 2013, Paul McCreesh dirigirá quatro concertos, divididos em dois programas, com obras de Mozart, Stravinsky, Schubert, Freitas Branco, Elgar e ainda as *Quatro Últimas Canções*, de R. Strauss, com a soprano Karita Mattila. Sobre esta nomeação Paul McCreesh referiu: “Estou simultaneamente empolgado e honrado por ter sido nomeado para liderar esta excelente orquestra; nos nossos concertos da temporada passada, gostei muito do calor, da capacidade



técnica e da criatividade dos músicos da orquestra e ainda da grande energia do Coro Gulbenkian. Prevejo uma estimulante e muito gratificante colaboração artística ao longo dos próximos anos.” ■

MAESTROS TITULARES 1962-2013

Lambert Baldi (1962-1963)
Urs Voegelin (1964)
Renato Ruotolo (1964-1965)
Trajan Popesco (1965)
Adrian Sushine (1966-1967)
Gianfranco Rivoli (1967-1970)
Werner Andreas Albert (1971-1973)
Michel Tabachnik (1973-1975)
Juan Pablo Izquierdo (1976)
Claudio Scimone (1979-1986)
Muhai Tang (1988-2001)
Lawrence Foster (2002-2013)

Novas edições discográficas

Dois novas edições discográficas da Orquestra Gulbenkian foram agora lançadas, por ocasião da celebração dos 50 anos, com alguns solistas do agrupamento em grande destaque. O primeiro CD resultou de uma gravação ao vivo de um concerto realizado no dia 20 de janeiro deste ano, no Teatro Municipal de Almada. Dirigida por Pedro Neves, a Orquestra Gulbenkian tocou *Grande Duo Concertante* para violino, contrabaixo e orquestra, de Giovanni Bottesini, *La flûte de Pan*, para flauta e orquestra, op.15, de Jules Moquet, e ainda *Cuatro Estaciones Portenas*, de Astor Piazzolla. Foram solistas Bin Chao e Felipe Rodriguez (violino), Marc Ramirez (contrabaixo) e Sophie Perrier (flauta).

O segundo CD, totalmente dedicado à Música Concertante de Mozart, foi gravado no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, em julho passado. Sob a direção de Joana Carneiro, inclui o Concerto para violino e orquestra n.º5, em Lá maior, com Ana Beatriz Manzanilla, o Concerto para trompa e orquestra n.º4, em Mi bemol maior, com Jonathan Luxton, e por fim a Sinfonia Concertante para oboé, clarinete, fagote, trompa e orquestra, em Mi bemol maior, com Nelson Alves (oboé), Esther Georgie (clarinete), Vera Dias (fagote) e Kenneth Best (trompa). ■



Jovens cientistas em Londres

Durante duas semanas (de 16 a 30 de agosto) 300 estudantes de 50 países dos cinco continentes participaram no London International Youth Science Forum (LIYSF), na capital inglesa.

Este fórum é um dos mais importantes eventos de caráter científico destinado a jovens cientistas estudantes, com idades compreendidas entre os 17 e os 21 anos, com o objetivo de divulgar o conhecimento científico e a sua aplicação em benefício da Humanidade.

Portugal esteve representado por quatro jovens universitários, vencedores de vários prémios nas Olimpíadas nacionais e internacionais das suas áreas de estudo, que participaram graças ao apoio da Fundação Gulbenkian. O programa do Youth Science Forum 2012 abrange várias atividades, como visitas de caráter científico a indústrias, centros de investigação, universidades e museus; palestras, seminários e debates sobre o futuro desenvolvimento das diversas áreas da ciência, ministradas pelos mais importantes cientistas e investigadores de cada área. *The Human Planet* foi o tema escolhido para este ano, com o objetivo de sensibilizar os jovens para os problemas relacionados com epidemias, fenómenos geológicos como a desertificação, terremotos, inundações ou atividade vulcânica, e aspetos sociais como o crescimento da população e o abastecimento alimentar.

No final, em resposta a duas perguntas de balanço sobre o fórum, manifestaram o agrado pela experiência e falaram sobre as muitas ideias que esta iniciativa lhes sugeriu.

1 – Como definiria a sua experiência no Youth Science Forum 2012 em termos de aprendizagens?

2 – O tema deste ano, *The Human Planet*, abriu-lhe perspetivas quanto ao futuro do planeta?

RAFAEL FÉLIX, 1.º ANO DE LICENCIATURA EM BIOTECNOLOGIA, 17 ANOS.

1 – Foi absolutamente enriquecedor para a minha formação, quer académica quer pessoal. De facto, o LIYSF representou duas semanas de partilha e de aprendizagem, quer cultural quer científica, num ambiente de convívio muito saudável. De um ponto de vista técnico, pude obter uma visão geral do panorama da ciência que é feita a nível mundial, no que concerne a métodos, equipamentos, conceitos, etc. Aprendi muito também com a diversidade de culturas e de experiências que advinha da diversidade de países representados neste evento, com a criação de amizades e contactos que só valorizam mais a experiência que foi o LIYSF.

2 – O tema não podia estar mais adequado ao panorama mundial dos desafios da ciência, e o programa de palestras

e visitas refletia esta discussão: energias do futuro, políticas de gestão de recursos, entre outros, são alguns dos temas que pudemos discutir de forma específica e instrutiva. Um ponto bastante positivo é o facto de ter havido dois dias dedicados inteiramente a um projeto desenvolvido por nós com a orientação de profissionais da área.

RODRIGO GOMES, 2.º ANO DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO; MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY, 18 ANOS.

1 – Em termos de aprendizagens, as palestras ofereceram uma pequena introdução a vários campos científicos. O mais interessante foi a importância dada à ciência em relação ao futuro do nosso planeta e como os avanços científicos específicos estão a melhorar a qualidade de vida das pessoas (por exemplo, tratamentos mais precisos e baratos

estão a melhorar a qualidade de vida em todo o mundo, incluindo zonas em desenvolvimento que têm dificuldade em subsidiar esses tratamentos). Mas também a importância da evolução na Ciência para enfrentar desafios relacionados com a sobrevivência da sociedade humana, que a nossa e próximas gerações vão ter de enfrentar.

Outro aspeto discutido foi o desafio de colaboração internacional e o financiamento, e como lidar com estes desafios para evitar que se tornem bloqueios ao avanço científico.

Durante estas duas semanas interagi com pessoas de vários países e culturas e impressionou-me o facto de, apesar de haver uma diversidade enorme, sermos capazes de interagir com facilidade.

2 – A relevância dada à ciência foi muito importante e fiquei convencido de que uma das áreas em que a sociedade deve investir é a investigação científica e engenharias, porque, apesar de haver muitas necessidades e desafios (pobreza, doenças...), os avanços científicos permitirão resolver esses problemas de uma forma eficiente e sem grandes custos. Reparei que tópicos importantes como o aquecimento global ou a pobreza extrema nos países em desenvolvimento, parecem estar a desaparecer dos meios de comunicação social, o que representa um grave problema, visto que estes problemas vão tornar-se cada vez mais relevantes e quanto mais esperamos, mais recursos vamos ter de sacrificar para os resolver.

No final, fiquei com a ideia de que o futuro do planeta depende apenas das nossas ações: se continuarmos a seguir o caminho que estamos a seguir, de inação, criaremos muitos desafios para as próximas gerações, mas se começarmos a agir e a investir em investigação e em soluções para os problemas que nos afetam, tanto a nível nacional como internacional, podemos evitar maiores problemas, sem sacrificar muito.

RAUL PENAGUIÃO, 2.º ANO EM MATEMÁTICA APLICADA E COMPUTAÇÃO, NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, 18 ANOS.

1 – A minha experiência no LIYSF foi maravilhosa. Em primeiro lugar, foi uma oportunidade para conhecer uma bela cidade e, como ficámos alojados numa zona de museus, foi ainda melhor. Nas palestras, fiquei muito contente por ter aprendido muitas coisas sobre bolhas, em particular como resolver o problema de construir linhas de comboio a unir cidades com o menor comprimento possível. Também gostei bastante de uma palestra sobre vulcões onde nos foi dada a oportunidade de apresentar o que aprendemos a outros alunos. Fiquei impressionado com a facilidade com que se criam laços entre tantas pessoas de diferentes países e culturas e todos fizemos amigos, que podem vir a ser grandes cientistas e pessoas muito importantes.

2 – O tema foi bem escolhido e alguns dos professores que foram fazer as palestras orientavam-nas para nos sensibilizar para o desenvolvimento sustentável e para nos preocupar-



mos em tentar resolver problemas como o flagelo da malária, etc. Foram muito moralizadores e ajudaram-nos a entrar no espírito e a pensar em vir a trabalhar para um futuro melhor.

RAFAEL TEIXEIRA, 1.º ANO DO MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA, NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 19 ANOS.

1 – A minha experiência neste fórum da ciência foi bastante enriquecedora. Este fórum contou com excelentes palestras animadas, cheias de demonstrações divertidas envolvendo desde os mais originais acessórios fluorescentes até bolas de sabão das mais diversas formas geométricas, desde anticorpos especificamente construídos para descobrir células cancerígenas mais atrevidas até surpreendentes ilusões de ótica. A par destas palestras e demonstrações estive o bom humor britânico de toda a equipa que sabe bem como cativar a atenção e interesse de qualquer jovem. Entre temas atuais na área da Medicina (como novos desenvolvimentos na deteção e tratamento de doenças como o cancro), na área da Física (como a fusão nuclear e a fonte de energia do futuro), e na área da Biologia e Ambiente (à procura de sustentabilidade), aprendeu-se imenso. Mas o Youth Science Forum é uma oportunidade única para aprender não só com investigadores conceituados, mas também com jovens e culturas de todo o mundo. Muitos destes jovens, já com projetos de investigação e artigos publicados, incentivaram-me ainda mais nesta área, partilhando as suas próprias experiências e dificuldades até conseguirem ter pela primeira vez um projeto independente, pelo que vou agora estar mais atento às oportunidades de investigação na saúde.

2 – Durante o fórum tivemos a oportunidade de partilhar ideias, problemas e soluções sobre o presente e o futuro do planeta entre participantes e investigadores e até propor vários modelos de sustentabilidade energética, económica e ambiental em pequenos trabalhos de grupo, tendo descoberto imensas propostas e realidades promissoras. ■

Instituto Gulbenkian de Ciência

Passado e Futuro

O Instituto Gulbenkian de Ciência tem uma nova missão e um novo diretor desde 1 de outubro. Jonathan Howard substituiu no cargo António Coutinho, que passa a integrar o novo Conselho de Gestão do Instituto. Diretor do IGC durante 14 anos, António Coutinho deixa neste texto a sua visão sobre o passado, mas também sobre o futuro da instituição.

O trabalho desenvolvido no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) tem contribuído significativamente para o avanço internacional da ciência. Todavia, é minha convicção que a mais importante contribuição do IGC para a ciência em Portugal, nos anos recentes, está relacionada com uma nova dinâmica que este instituto introduziu na comunidade científica e nas instituições locais.

Ao longo dos últimos 14 anos, o IGC formou, importou e incubou uma elite de jovens investigadores em Biomedicina, cuja excelência revolucionou o panorama nacional, como o demonstram os indicadores de maior exigência. Por exemplo, as Ciências da Vida representam quase dois terços dos financiamentos do European Research Council (ERC) atribuídos a Portugal, apesar de os financiamentos públicos nacionais serem bem mais abundantes nas áreas das Engenharias e Sociais. Ora, 11 destes 14 projetos do ERC foram ganhos por investigadores que trabalham ou já trabalharam no IGC. Cerca de 80 grupos de investigação, dirigidos por investigadores quase todos vindos do exterior, tiveram a oportunidade de se instalar no IGC em total autonomia científica e financeira, enriquecendo o sistema científico nacional por vias alternativas às tradicionais. A excelência da investigação e a aposta feita pelo IGC promoveram a mobilidade de uns quarenta desses grupos, que integraram, na sua maioria,



outras instituições em Portugal. Ao fazê-lo, o IGC contribuiu para estabelecer uma nova dinâmica de mobilidade, com boas práticas de avaliação regular e exigente, de competitividade e transparência. Foram introduzidos modelos de estrutura e operação institucionais de apoio à investigação, que são hoje prática mais corrente no país: ausência de departamentos ou divisões, com partilha total de espaços e equipamentos; organização matricial das responsabilidades em tecnologia e ciência, pela instalação de serviços centralizados e servidos por técnicos doutorados sob responsabilidade institucional, mas devotadas ao serviço de investigadores autónomos nos seus projetos científicos. Para além disto, foram lançadas novas áreas de serviços institucionais de apoio, que permitiram a mobilidade a um bom número de doutorados como: financiamento em ciência e gestão de projetos, comunicação de ciência nas escolas, *media*, mundo da política e público em geral, *merchandising* e angariação de fundos, proteção da propriedade intelectual, transferência de tecnologia e incentivos à constituição de *start-ups*. Na área da Educação, o IGC também deu um contributo significativo. Adaptou a formação pós-graduada, iniciada nos Estudos Avançados do IGC em 1969, às novas condições de procura e financiamento (público e privado), bem como às exigências do progresso científico, inovando a nível

“Ao longo dos últimos 14 anos, o IGC formou, importou e incubou uma elite de jovens investigadores em Biomedicina, cuja excelência revolucionou o panorama nacional, como o demonstram os indicadores de maior exigência.”



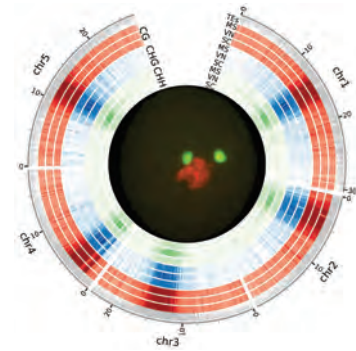
nacional e europeu no formato dos seus Programas Doutorais, entretanto replicado em outras instituições. Desde 1993, quase 600 jovens iniciaram os seus doutoramentos no IGC. Com isto, estabeleceu uma sólida reputação da Fundação Calouste Gulbenkian no mundo da Ciência, sendo hoje a atividade mais “internacionalizada” da Fundação, muito à custa da qualidade e competitividade dos seus estudantes e investigadores.

Vítima do sucesso do seu modelo anterior, o IGC cumpriu as missões que lhe foram confiadas na reforma de 1998 e entra agora numa nova fase. Como em várias ocasiões no passado, o Conselho de Administração da Fundação decidiu reformar o IGC, julgando que a melhor estratégia de serviço ao país é agora a da excelência e competitividade científicas, em prioridade à anterior missão de “incubadora de lideranças”. O novo modelo operativo e científico do IGC oferecerá uma maior estabilidade a uma fração dos investigadores, em detrimento da elevada mobilidade que foi essencial durante o seu último período. Todavia, uma instituição vive e respira pelos jovens que continuamente reinventam o presente. O novo modelo adota, assim, um novo programa de autonomização científica muito precoce de jovens recém-doutorados, onde se jogará, a meu ver, o futuro institucional, por mais brilhantes que sejam as suas “estrelas” atuais ou futuras.

É arriscado fazer previsões sobre o futuro da investigação no IGC, tanto mais numa área que demonstra uma vitalidade única e um progresso vertiginoso. Tenho poucas dúvidas, contudo, quanto à análise dos últimos anos: descobrimos muitíssimo sobre os componentes dos seres vivos, genes, moléculas e células, mas continuamos largamente ignorantes sobre a origem das propriedades dos organismos. Somos capazes de descrições qualitativas extraordinariamente precisas, mas não construímos ainda, longe disso, uma sólida base quantitativa para a Biomedicina. Haverá que ultrapassar a atual contradição: conhecer tantos detalhes, mas não compreender, por exemplo, as doenças e o envelhecimento, continuando a praticar uma medicina de base empírica, longe do conhecimento preciso dos mecanismos moleculares, celulares e sistémicos do processo patológico, que nos permita “prever e prevenir” ou desenvolver terapêuticas racionais e curativas. Este percurso, parece-me, deverá passar por uma melhor compreensão dos organismos, pelo estudo da estrutura e dinâmica das redes de interações moleculares e celulares que, por seu turno, não poderá progredir sem uma quantificação precisa dos respetivos componentes e afinidades das suas interações. Estou convicto de que a agenda científica do IGC, privilegiando o organismo e a biologia quantitativa, continua perfeitamente atual.

■ **António Coutinho**

Células do pólen mantêm memória para controlar genes



Em qualquer organismo vivo, todas as células têm o mesmo DNA (ou ADN), mas a identidade de cada uma é definida pela combinação de genes que estão ligados ou desligados num determinado momento. Nos animais, esta memória celular é apagada entre gerações, para que o novo ovo não tenha memória, e assim tenha potencial para originar qualquer tipo de célula. Pelo contrário, nas plantas com flor, a memória celular passa de geração em geração, com potencial impacto negativo no desenvolvimento das novas plantas. Num estudo publicado na revista científica *Cell*, a equipa de Jörg Becker e José Feijó do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), juntamente com colaboradores de Cold Spring Harbor Laboratory (CSHL), nos EUA, descobriram um novo mecanismo nos grãos de pólen e nas sementes que silencia sequências potencialmente mutagénicas de DNA móvel, evitando assim dano nas novas plantas.

Na base da memória celular encontram-se alterações na expressão de genes, chamadas “epigenéticas”, que são hereditárias, mas não estão escritas diretamente na sequência de DNA. Um dos mecanismos epigenéticos é a adição de um grupo químico – o grupo metilo – a sequências de DNA (um processo chamado “metilação”). A metilação do DNA desliga os genes. Usando a planta *Arabidopsis thaliana*, os investigadores analisaram o genoma de grãos de pólen e as suas células precursoras, os micrósporos, e determinaram as

sequências de DNA que estavam metiladas. Os resultados mostraram que a metilação do DNA é maioritariamente mantida nas células sexuais do pólen, mas ainda assim alguns genes não estão metilados. Este cenário pode ser preocupante no caso de genes móveis, os chamados “transposões”, que podem tornar-se ativos e originar mutações. Estes investigadores descobriram que esta situação pode ser prevenida por pequenas sequências de RNA (chamadas “siRNA”) que repõem a metilação dos transposões no embrião. O mecanismo agora descrito revela que as células sexuais têm sequências de siRNA que silenciam os transposões mesmo antes da fertilização, pelo menos nalguns casos. Explica Jörg Becker: “Com o mecanismo por nós descoberto, podemos perceber, pelo menos em parte, as barreiras de hibridização existentes, nas quais cruzamentos entre espécies resultam no aborto de sementes ou infertilidade. A quebra destas barreiras poderia resultar no melhoramento de cultura de espécies, como o milho e o arroz, através do uso do fenómeno de vigor híbrido, no qual a descendência mostra qualidades superiores aos seus progenitores.”

Era sabido que as plantas com flor são uma exceção à regra de reposição da memória celular, visto que estas modificações são herdadas por centenas de gerações. Mas a extensão a que isto ocorre nas células sexuais das plantas e qual a contribuição da reprogramação epigenética do genoma permanecia desconhecida até agora. ■

Clima e geologia afetam genoma das espécies

Num estudo publicado na revista científica *PLOS One*, uma equipa de investigadores liderada por Lounès Chikhi, investigador principal do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do CNRS (Centre national de la recherche scientifique, Toulouse, França), analisou geneticamente o cuco-da-reunião, investigando as causas que colocam esta espécie em risco crítico de extinção. Menos de 100 indivíduos desta espécie de pássaro sobrevivem hoje em dia na ilha da Reunião, no Oceano Índico.

Os resultados obtidos revelam que o grande decréscimo da espécie ocorreu no período Holocénico, entre cinco e seis milhares de anos atrás, e antes da chegada de humanos à

ilha, há 350 anos, possivelmente devido aos períodos de seca que atingiram o Oceano Índico e às erupções vulcânicas. Estes resultados não minimizam, no entanto, os danos causados pela espécie humana e que colocam em risco de extinção o cuco-da-reunião.

O estudo sugere que numerosas espécies foram provavelmente influenciadas por eventos geológicos ou climáticos intensos e que, para compreender a história evolutiva das espécies ameaçadas, devemos integrar não somente a ação negativa das populações humanas, mas também a história climática e geológica das regiões estudadas. ■

Retrato das identidades europeias

Até 18 de novembro, em Paris, a Delegação em França da Fundação Gulbenkian apresenta o trabalho de doze jovens fotógrafos, entre quais três portugueses, sobre o tema “identidades europeias”.

Esta exposição resulta da primeira edição do European Photo Exhibition Award (epea), um projeto organizado em conjunto por quatro fundações europeias: Fundação Calouste Gulbenkian, Fondazione Banca del Monte di Lucca (Itália), Körber-Stiftung (Alemanha) e Institusjonen Fritt Ord (Noruega).

Inspirado no Körber Photo Award, lançado em 1999, o principal objetivo deste projeto de fotografia é criar um espaço de reflexão para as diferentes perspetivas sobre as muitas questões contemporâneas que compõem as identidades europeias. Através do olhar de fotógrafos que vivem e trabalham na Europa e que ainda estão a estabelecer-se profissionalmente, nestes trabalhos são abordados temas como a vida dos objetos, paisagens urbanas, imigração e fronteiras, intimidade e comunidades.

A exposição conta com ensaios fotográficos dos portugueses Catarina Botelho, João Grama e José Pedro Cortes, bem como



Marie Sjøvold, *Untitled*, da série *Midnight Milk*, 2011

de Davide Monteleone, Gabriele Croppi, Monica Larsen, Frederic Lezmi, Pietro Masturzo, Hannah Modigh, Linn Schröder, Marie Sjøvold e Isabelle Wenzel. Os doze artistas foram selecionados e acompanhados durante a produção dos seus trabalhos por um painel de quatro curadores nomeados pelas fundações envolvidas nesta iniciativa: Rune Eraker (Noruega), Sérgio Mah (Portugal), Enrico Stefanelli (Itália) e Ingo Taubhorn (Alemanha).

A exposição em Paris é a segunda paragem da digressão europeia do epea, depois da inauguração em Hamburgo, em maio deste ano. Lucca e Oslo serão as próximas cidades a acolher esta mostra. ■

Mais informações: www.epeaphoto.org

Colóquio digital

Os investigadores e estudiosos das artes têm agora disponível, em versão digital, os 61 números da *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, editados entre 1959 e 1970, num conjunto que reúne grande parte da história da arte e da literatura da segunda metade do século XX.

A revista foi criada em 1959, tendo sido publicados 61 números até 1970, altura em que se cinde em duas publicações: *Colóquio/Artes* e *Colóquio/Letras*.

Aquilo que desde o início definiu o projeto da *Colóquio* foi a diversidade e a pluralidade de abordagens “sem dependência de escolas, de sectarismos ou de proselitismos”, procurando afirmar-se como “um espelho da sociedade” do seu tempo. A revista dedica ensaios a todas as áreas da Arte e da Literatura, não exclusivamente portuguesas. Mas, se há que encontrar matéria de base para uma história da arte em Portugal, desde o lado mais conservador, passando pelos movimentos modernistas (sobretudo a obra de Almada e o surrealismo), até aos artistas que se revelam na

década de 60 do século XX, é nesta revista que ela se manifesta. Bastará, para além disto, ver o elenco de colaboradores para termos praticamente todos os grandes nomes do ensaio, da crítica, da arte e da literatura da segunda metade do século XX.

No editorial do n.º 1 pode ler-se: “Não são os iniciadores que justificam a necessidade e a utilidade de uma revista, artística ou literária, ou fazem a sua fama, mas sim os seus colaboradores e a continuidade e regularidade da sua publicação. Lançando esta revista – *Colóquio* –, a Fundação Calouste Gulbenkian julga concorrer com mais um poderoso instrumento para a realização dos seus fins culturais na sociedade portuguesa.”

A criação deste *site* abre novas possibilidades de investigação e de conhecimento da nossa cultura aos estudiosos de todo o mundo. ■

Site: coloquio.gulbenkian.pt/al



Laboratório de Curadoria

Em novembro, o Laboratório de Curadoria da Fábrica Asa, em Guimarães, apresentará uma série de quatro conversas entre curadores britânicos e artistas portugueses. A iniciativa de *Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura* parte de um projeto da delegação da Fundação Gulbenkian em Londres, UK Branch, e tem como objetivo a reflexão sobre os temas da mobilidade, relações e redes internacionais na arte.

Nos últimos três anos, o UK Branch patrocinou visitas de curadores britânicos a Portugal como forma de promoção das artes plásticas portuguesas no Reino Unido, que resultaram no desenvolvimento de relações profissionais e projetos entre curadores britânicos e artistas portugueses, cimentando redes internacionais e contribuindo para uma maior mobilidade artística. A série de conversas começou no final de setembro com Gill Hedley e Filipa Oliveira, coordenadoras do projeto, e ainda com mais três pares de curadores e artistas que participaram na discussão. A 24 de novembro será a vez de Vasco Araújo, Daniel Blaufuks, Fernanda Fragateiro e Ângela Ferreira conversarem com os curadores Catherine Hemelryk, David Drake, Sarah Shalgosky e Lisa le Feuvre. ■



Escher

Gravuras do CAM em Arras

Um conjunto de cerca de sete dezenas de gravuras da coleção do CAM encontra-se exposto em Arras, França, no Le Quai de la Batterie, um dinâmico espaço ligado à arte contemporânea que realiza ateliês e promove residências de artistas nesta cidade a norte de Paris. As obras foram selecionadas por Ana Vasconcelos e Luc Brévar, a partir do acervo de 3000 gravuras que compõe a coleção do CAM.

A mostra está dividida em duas partes: na primeira, “Corpos impressos e pequenas histórias”, apresenta-se uma seleção lúdica de trabalhos, que evidencia a temática do corpo e da sua representação; a segunda, “Olhar sobre uma Coleção”, abrange uma série de gravuras de artistas portugueses e internacionais, numa curiosa relação entre os trabalhos gravados.

Estão representados artistas como Alberto Giacometti, Fernand Léger, Henry Moore, Joan Miró, Man Ray, Max Ernst, Pablo Picasso, Karel Appel, Richard Hamilton, Roberto Matta, Sonia Delaunay, Vieira da Silva, Paula Rego, José de Almada Negreiros, Lourdes Castro, Bartolomeu Cid dos Santos, Fernando Calhau, entre muito outros. A exposição pode ser visitada até 16 de dezembro. ■

Portugal e o Holocausto

Aprender com o passado para ensinar no futuro é o lema principal da conferência marcada para os dias 29 e 30 deste mês, que terá o Holocausto como pano de fundo numa iniciativa da Embaixada dos Estados Unidos, em conjunto com a Fundação Gulbenkian e a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Consideram os organizadores que a história de Portugal naquele período e a sua relação com o Holocausto, nomeadamente o papel desempenhado enquanto local de acolhimento e ponto de partida para a liberdade de muitos milhares de refugiados, que assim sobreviveram ao Holocausto, é matéria ainda insuficientemente estudada em Portugal. Esta conferência reunirá vários investigadores, académicos e especialistas em Educação, que falarão das questões da memória histórica, da identidade e da forma como se educam as novas gerações, mas também das lições a retirar das várias experiências vividas em países como Israel, Alemanha ou a Áustria.

Para participar na conferência é necessário um pré-registo *online*. ■



Orquestra Geração no cinema

Com estreia comercial marcada para 4 de outubro, o filme *Orquestra Geração* vai estar em exibição até ao final do mês, em exclusivo no Cinema City Classic Alvalade, em Lisboa. Aos fins de semana, as sessões vão ser acompanhadas por um programa de debates e de curtos concertos.

Rodado durante um estágio de verão da Orquestra Geração com músicos da Orquestra Gulbenkian, em 2010, o filme retrata um grupo de alunos “avançados”, que faz parte do projeto da Orquestra Geração desde o seu arranque em Portugal, em 2007. “Foi emocionante ver a interação deles com músicos profissionais”, dizem os realizadores Filipa Reis e João Miller Guerra.

No filme podemos ver os alunos a ensaiar no Grande Auditório da Fundação e a tocar com a Orquestra Gulbenkian num concerto em Almada. Ana Manzanilla, violino na Orquestra Gulbenkian, é aliás uma das coordenadoras nacionais do projeto da Orquestra Geração. Ela própria é formada pelo Sistema de Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela, em que se inspira o projeto social da Orquestra Geração.

Para animar a programação paralela às projeções durante o mês, os protagonistas do filme vão juntar-se a outros alunos da Orquestra Geração, no *foyer* do cinema, para performances de cerca de 20 minutos antes do início de algumas sessões. De acordo com a organização, pretende-se com isso “promover uma aproximação entre o espectador e as personagens” proporcionando “uma experiência nova na ida ao cinema”. Os debates, por outro lado, realizam-se no final das sessões e tomam o filme como ponto de partida para a discussão de temas como “Adolescência”, “A Arte na Educação”, “Inovação Social”, ou ainda “Identidades e Pertencas”.

Orquestra Geração foi produzido pela Vende-se Filmes, com o apoio da Fundação Gulbenkian. ■

Cultura portuguesa em Macau

A Fundação Gulbenkian e o Instituto Cultural de Macau vão colaborar na divulgação da cultura portuguesa no território. No protocolo celebrado no final de setembro e assinado pelo presidente da Fundação, Artur Santos Silva, e pelo presidente do Instituto, Ung Vai Meng, as duas partes comprometem-se a colaborar nas áreas das artes visuais e das artes performativas contemporâneas.

Macau foi administrado por Portugal até 20 de dezembro de 1999 e, desde a sua passagem para a administração chinesa, este é o primeiro protocolo a ser assinado pela Fundação e por um organismo cultural macaense com vista à divulgação das artes portuguesas. ■



André Conde | 24 anos | Música/Trombone*

“A música não deve ter preconceitos”

QUANDO DECIDIU ESTUDAR TROMBONE?

Comecei por estudar Piano e Formação Musical com cinco anos na Academia de Música Eborense, na minha cidade natal (Évora), e aos onze anos resolvi estudar Trombone. Aos quinze anos ingressei na Escola de Música do Conservatório Nacional para me dedicar definitivamente ao estudo e aprendizagem deste instrumento que considero muito versátil, pois acompanha tanto o mais trágico como o mais celestial momento de uma sinfonia, de uma ópera ou de qualquer outra forma de expressão musical.

PORQUE RESOLVEU ESTUDAR NA UNIVERSIDADE DAS ARTES DE ZURIQUE?

Quando estava a terminar a Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, na classe do prof. Reinaldo Guerreiro, pensei continuar os meus estudos e fazer um mestrado no estrangeiro para conhecer outros métodos de trabalho, novas culturas e outras vivências. Optei pelo Mestrado em Performance de Orquestra na classe do prof. David Bruchez, na Universidade das Artes de Zurique, pois tanto do professor como da universidade tinha uma

informação muito positiva, de excelência mesmo. Estudar no estrangeiro não é fácil, daí ter sido essencial para realizar o meu sonho a atribuição, após concurso, da bolsa de estudo pela Fundação Calouste Gulbenkian.

EM 2009 E 2010 INTEGROU A ORQUESTRA DE JUVENTUDE GUSTAV MAHLER, COMO FOI A EXPERIÊNCIA?

Foi uma das melhores experiências que tive como músico de orquestra. Trata-se de uma orquestra extraordinária, onde conheci excelentes músicos, maestros e pedagogos, fiz bastantes amigos, a que se juntou a oportunidade de tocar nas mais emblemáticas salas de concerto de toda a Europa.

O INTERESSE PELO JAZZ E A COLABORAÇÃO COM O ANTÓNIO ZAMBUJO REVELAM UMA GRANDE ABERTURA A OUTROS GÊNEROS MÚSICAIS...

A meu ver, um músico tem que ser o mais completo possível, e isso passa por se sentir à vontade a tocar em qualquer ambiente musical e cultural: a Música como forma de Arte não deve ter preconceitos. O meu interesse pelo jazz, a par da música clássica, começou bem cedo, mas só consegui pô-lo em prática quando estava no Conservatório Nacional e participei na Big Band do Conservatório Nacional, sob a direção de Pedro Moreira. Posteriormente, tive aulas de Trombone Jazz na Escola do Jazz do Hot Club. Já na Universidade em Zurique, tive também a oportunidade de continuar a minha formação em jazz com o trombonista Bernhard Bamert. A colaboração com o António Zambujo surgiu de um convite seu, mas penso que se deveu muito ao facto de o meu irmão (José Miguel Conde, clarinetista) fazer parte do seu projeto. Surgiu a possibilidade de poder colaborar com eles na gravação de algumas faixas dos dois últimos CD (*Guia* e *Quinto*). Agradou-me bastante esta colaboração, até porque admiro a qualidade musical do António Zambujo e dos músicos que o acompanham; considero muito interessante a abordagem musical escolhida, que parte das raízes musicais profundas de alguns géneros populares, como o fado ou o cante alentejano, que são trabalhadas de um modo criativo, com grande sensibilidade.

O QUE FAZ ATUALMENTE?

Sou trombonista na Orquestra da Ópera de Zurique. Realizo cerca de 200 programas por ano (concertos, óperas, baíados). Tenho tido a possibilidade de trabalhar com grandes maestros, como Zubin Mehta, Nikolaus Harnoncourt, Nello Santi, Daniele Gatti, Bernard Haitink, Herbert Blomstedt, Franz Welser-Möst, Ingo Metzmacher, Fabio Luisi, entre outros. Ao mesmo tempo, estou a realizar o mestrado em Solista de Orquestra, que espero poder articular com o trabalho na Ópera. O meu grande objetivo é consolidar a minha formação em Trombone para, um dia mais tarde, a poder partilhar com “a gente da minha terra”.



COMO É VIVER EM ZURIQUE?

Inicialmente, o grande desafio foi a língua: o processo burocrático e organizacional é tratado em língua alemã e nem sempre é suficiente falar inglês ou francês. A própria tese de mestrado que defendi na Universidade *O trombone na obra de Gustav Mahler* foi defendida em alemão. Neste momento, sinto-me bastante bem a viver aqui, numa cidade organizada, calma, e onde a cultura é vista como uma mais-valia para os cidadãos. Sente-se um ambiente de estabilidade, que considero essencial para que me possa concentrar na minha carreira de músico. ■

** Bolseiro da Fundação Gulbenkian na Universidade das Artes de Zurique.*



Uma nova revolução verde ecológica para alimentar o mundo de um modo sustentável

Por José Lima Santos | Professor do Instituto Superior de Agronomia (UTL). Comissário do ciclo de conferências O Futuro da Alimentação

O mundo foi recentemente surpreendido por aumentos periódicos dos preços dos cereais, que interromperam a tendência continuada de descida do último meio século. Simultaneamente, assistiu-se a uma redução dos *stocks* globais de cereais. Estes sinais despertaram uma percepção aguda de insegurança alimentar global, que alimentou comportamentos especulativos nos mercados dos cereais; estes agravaram ainda mais a subida de preços. Os picos de preços dos cereais têm tido forte impacto nos mais pobres dos países mais pobres. Cereais mais caros significam, neste caso, comer menos, mesmo quando a situação é já de subnutrição.

Estes desenvolvimentos indicam que a oferta global de cereais não tem sido capaz de acompanhar o crescimento da procura. Uma linha de explicação para esta incapacidade, que tem vindo a ganhar adeptos, encara a subida do preço dos cereais como um sintoma da crise ambiental global. Por exemplo, Lester Brown, do Earth Policy Institute, conclui que o triplicar da produção global de cereais ao longo do último meio século teve por base a adoção generalizada de novas variedades de alta produtividade, a multiplicação por três da área irrigada e por onze do uso global de fertilizantes. Este conjunto de transformações, frequentemente referido como “revolução verde”, transformou profundamente os ecossistemas do planeta, aumentando consideravelmente a pegada ecológica da alimentação humana.

Mas as coisas estão a mudar e os agricultores defrontam-se hoje com a redução da disponibilidade de água, respostas cada vez menores das culturas ao uso de fertilizantes, subida das temperaturas, destruição de solos por desertificação e urbanização, e preços crescentes dos combustíveis fósseis de que dependem todas as tecnologias desenvolvidas durante a “revolução verde”.

Ao mesmo tempo, assistimos a uma aceleração do crescimento da procura de produtos agrícolas. Quando passamos da dieta “vegetariana”, que hoje domina ainda em muitas das zonas mais povoadas do Planeta, para as dietas carnívoras dos países mais desenvolvidos, o consumo médio cresce de 200 (indiano médio) para 800 quilogramas de cereais/ano (americano médio). Cada indivíduo que mude de um tipo de dieta para o outro equivale assim a três pessoas “virtuais” adicionais.

Alimentar um mundo em crescimento com recursos naturais decrescentes é um enorme desafio. Até à década de 80 do século passado, o crescimento da produtividade da terra compensou a redução da superfície semeada por habitante, mas isto já não é assim e, portanto, a produção global de cereais *per capita* está a diminuir. Apesar de existirem possibilidades de expansão de área semeada, sobretudo em África e na América do Sul, estas implicam hoje riscos ecológicos e climáticos inaceitáveis.

O nosso sistema de produção e consumo de alimentos está assim ferido de graves problemas de insustentabilidade. Necessitamos de uma nova “revolução verde” ecológica, bem como de uma revolução no consumo alimentar. Urge aumentar a eficiência no uso da água, reduzir a dependência do sistema agroalimentar face à energia fóssil, abrandar a desertificação e a degradação dos solos, criar plantas e agroecossistemas mais resilientes a condições extremas de produção, e mudar as dietas humanas, com redução do consumo de produtos animais nos países mais desenvolvidos. ■



Manet, *A evasão de Rochefort (pormenor)*
© Musée d'Orsay

em outubro

Manet



Hopper, *Square Rock*, Ogunquit © Whitney Mus. of American Art

As Idades do Mar

A partir do dia 26, o Museu Gulbenkian apresenta uma exposição centrada nas representações físicas e simbólicas do Mar por artistas como Turner, Friedrich, Ingres, Guardi, Böcklin, Constable, Lorrain, Monet, Courbet, Klee, Dufy, De Chirico, Manet ou Van Goyen, entre muitos outros. A pintura portuguesa estará representada por nomes como Amadeo, Vieira da Silva, Sousa Lopes, Noronha da Costa, António Carneiro ou João Vaz.

As Idades do Mar reúne 108 obras entre os séculos XVI-XX provenientes de meia centena de instituições nacionais e estrangeiras. O Museu d'Orsay contribui para esta mostra com mais de uma dezena de peças da sua excecional coleção.

A abrir a exposição estará *A Largada do Bucentauro* de Francesco Guardi, obra pertencente à coleção do Museu Gulbenkian e que sintetiza as linhas programáticas da mostra representando o ritual que se cumpria anualmente na cidade de Veneza: o doge atravessava a Praça de São Marcos até à igreja de São Nicolau do Lido, onde lançava à água uma aliança que simbolizava o casamento entre Veneza e o Mar.

A cena, afirmativa do poder político e económico da cidade, documenta a relação que se estabelecia entre a terra e o mar, através do ato solene de um casamento.

A exposição desenvolve-se, a partir daí, em seis núcleos distintos: **A Idade dos Mitos**, **A Idade do Poder**, **A Idade do Trabalho**, **A Idade das Tormentas**, **A Idade Efémera** e a **Idade Infinita**.

A IDADE DOS MITOS

O mar está na origem dos grandes mitos. Governado por Neptuno, é povoado por tritões e nereidas; aí nasce Vénus, a deusa da Beleza; é o caminho através do qual Júpiter rapta Europa.

É também o espaço onde se desenvolvem as grandes narrativas de que são exemplos a Odisseia, protagonizada por Ulisses, a Bíblia, em episódios do Antigo e do Novo Testamento, ou o poema épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.



Sartorio, *A Sereia* © Galeria Civica Arte Mod. Contemp. Turin

A IDADE DO PODER

Desde a Antiguidade Clássica, o mar foi cenário de jogos de poder determinados por ambições económicas e políticas

que obrigaram à formação de grandes esquadras em confronto pelo seu domínio. Multiplicam-se as representações ostensivas de conjuntos poderosos de embarcações pertencentes às potências marítimas europeias, tanto em circulações comerciais como em batalhas.

A IDADE DO TRABALHO

Em contraponto, os trabalhos relacionados com o mar apontam atividades continuadas de respostas a necessidades fundamentais, a da sobrevivência material – a pesca como atividade económica primeira da humanidade – e a das comunicações com outras terras e civilizações – os portos como lugares de abrigo e de trocas de bens, serviços e culturas.

A IDADE DAS TORMENTAS

A tormenta relativiza a dimensão humana perante a violência destruidora do mar. Muitas das pinturas registam, como imagem de espanto, estes momentos excepcionais dos elementos em fúria. A luta entre a força monumental da natureza e a audácia humana para nela navegar são as



Bonavia, *Naufrágio numa costa rochosa* © Colección Santander

componentes de tragédias que resultam nos naufrágios, com desaparecimento das embarcações e das pessoas e bens que nelas se transportavam.

A IDADE EFÉMERA

O mar não cessa de ser observado e contemplado a partir da terra, na procura de significados para os seus enigmas. Os indícios são procurados nas morfologias raras que constrói nos rochedos, na sua inigualável desmesura que oculta o que está mais além, nos movimentos cíclicos das águas. A sua proximidade induz a calma, a melancolia e a intimidade dos pensamentos, mas também ao contacto físico com a água e a viagens que expandem os limites da terra, em movimentos de fuga e prazer.



Sorolla Bastida, *Figura de branco, Biarritz* © Museo Sorolla

A IDADE INFINITA

A imensidão enigmática do mar potencia o sentimento trágico da vida, destino desconhecido que é o da viagem e o da morte, meditação do indivíduo sobre os seus destinos. Tem implícito o conceito de infinito e, no limite, basta a pureza quase abstrata do horizonte, separando a massa líquida dos mares da volatilidade aérea dos céus. Pode finalmente ser o meio da projeção do inconsciente, em atmosferas e relações oníricas que mais profundamente revelam o ser.

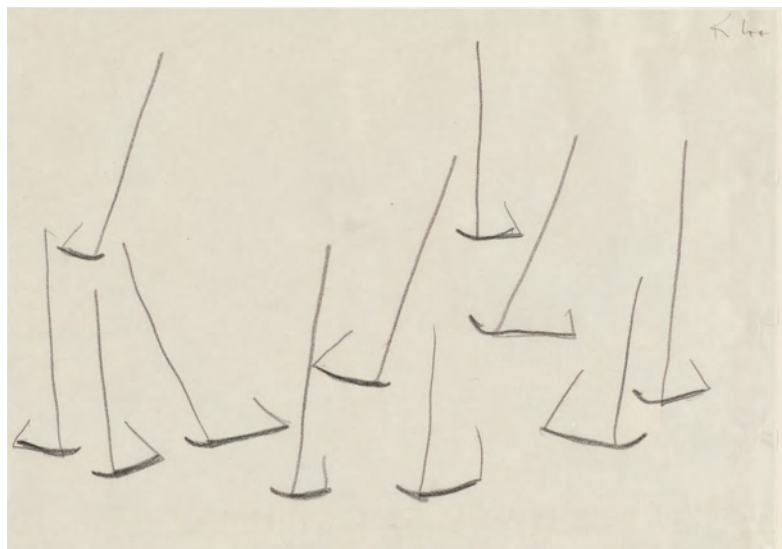
A exposição terá um programa paralelo que inclui quatro conferências em torno da iconografia do mar na azulejaria, na tapeçaria e na pintura (dias 5, 12, 19 e 26 de novembro), a realizar no Auditório 3.

A curadoria é de João Castel-Branco Pereira, diretor do Museu Gulbenkian. ■

Fundação Calouste Gulbenkian

Sala de Exposições Temporárias da Sede

26 OUTUBRO 2012 – 27 JANEIRO 2013



Klee, *Barcos em Movimento* © Zentrum Paul Klee, Berna

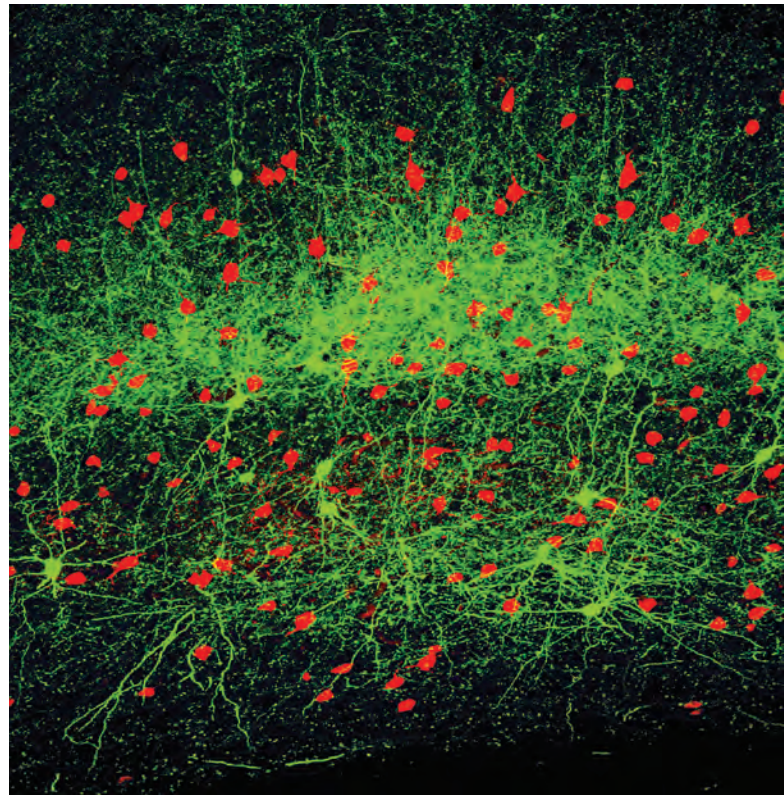
As Cores do Pensamento

A arte abstrata dos neurónios

Até 25 de outubro, os Jardins da Fundação Gulbenkian acolhem uma exposição inédita: uma dúzia de painéis mostra representações visuais do cérebro, em grande formato, lado a lado com reproduções de obras de arte, algumas das quais pertencentes às coleções do Museu Gulbenkian e do CAM, de artistas como René Lalique e Manuel Cargaleiro, respetivamente. Mas outros nomes consagrados também são convocados para esta mostra: William Turner, Monet, Klimt, Munch, Robert Delaunay ou Salvador Dali.

Em cada obra de arte projetam-se, de um modo indefinível, talento, técnica, memórias, experiências pessoais, que se entrecruzam numa rede muito complexa de relações celulares e se organizam em funções cerebrais variadas. A capacidade do cérebro humano para a integração multisensorial deve-se ao imenso desenvolvimento de conectividades que, comandando funções distintas, estão estreitamente ligadas entre si por feixes de fibras nervosas.

Para investigar esta conectividade, a ciência moderna desenvolveu tecnologias muito sofisticadas, como o método *Brainbow*, ou arco-íris do cérebro, que permite reconhecer as células cinzentas e as fibras brancas através de uma miríade de cores fluorescentes, e a abordagem *Connectomics*, que distingue os neurónios que estão ligados entre si, produzindo um mapa fascinante de afinidades sinápticas, visualizado a três dimensões.



Interneurónios inibidores do Córtex Cerebral de Ratinho, Hang Hu, Ariel Agmon.
© Dept. of Neurobiology and Anatomy and the Sensory Neuroscience Research Center, West Virginia University, EUA

Os investigadores da área das neurociências utilizam as cores vivas destas representações, feitas através de imagens que parecem retirar “a sua inspiração” de obras de artistas consagrados e, por isso, são apresentadas lado a lado, como se constituíssem uma verdadeira arte abstrata dos neurónios.

Concebida por Viviane Kasam e por Angelo Bucarelli, a exposição *As Cores do Pensamento – a arte abstrata dos neurónios* realizou-se pela primeira vez em 2011, em Milão. Em 2012, recria-se em Paris, Deauville, Mónaco e também em Lisboa, por iniciativa da Fundação Gulbenkian e da Universidade Hebraica de Jerusalém, através do Edmond & Lily Safra Centre for Brain Sciences. Em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, a exposição apresenta-se ainda, em simultâneo, no Terreiro do Paço. ■

Jardins da Fundação Gulbenkian e Terreiro do Paço, Lisboa
ATÉ 25 DE OUTUBRO



Campo de Papoilas, Óleo sobre tela, Pál Szinyei Merse
©Galeria Nacional Húngara, Budapeste, Bridgeman Art Library / Arquivos Alinari

O cérebro em debate

Associado a esta exposição ao ar livre, realiza-se, nos dias **9 e 10 de outubro**, o Fórum Gulbenkian de Saúde 2012 Brain.org, com o propósito de divulgar os novos conhecimentos sobre os complexos mecanismos do funcionamento do cérebro no reconhecimento da identidade pessoal, nos processos de aprendizagem, na aculturação de valores e de padrões de relacionamento social. ■

TERÇA, 9 OUTUBRO

09H30

SESSÃO DE ABERTURA

Artur Santos Silva Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

10H00

THE NEUROSCIENCE OF CONSCIOUSNESS

Susan Greenfield University of Oxford, UK

11H30

WHY WE SLEEP

Matt Walker University of California, Berkeley, USA

14H30

WHAT MAKES US MORAL?

Patricia Churchland University of California, San Diego, USA

16H00

WHEN THE BRAIN PLAYS MUSIC

Robert Zatorre McGill University, Canada

QUARTA, 10 OUTUBRO

09H30

NEUROAESTHETICS: BRAIN, BEAUTY AND ART

Marcos Nadal Roberts University of the Balearic Islands, Spain

11H30

CAN WE COPY THE HUMAN BRAIN IN THE COMPUTER?

Idan Segev Hebrew University of Jerusalem, Israel

14H30

YOUR BRAIN HAS A GENDER?

Melissa Hines University of Cambridge, UK

16H00

BECAUSE THE BRAIN IS DIFFERENT – THE NEW ETHICAL CHALLENGES

João Lobo Antunes Universidade de Lisboa, Portugal

Auditório 2

Entrada Livre | Tradução simultânea

Alimentação, Ambiente e Pescas

O ciclo de conferências sobre o Futuro da Alimentação regressa no dia 16 com a temática do consumo de peixe e os riscos e benefícios associados a este consumo. Presidida por Carlos Sousa Reis (antigo presidente do Instituto Português de Investigação do Mar), a conferência terá como oradores o investigador catalão Josep Luís Domingo e o investigador português Carlos Cardoso.

Em Dia Mundial da Alimentação, a discussão será centrada nas questões relacionadas com os riscos, mas também nos benefícios do consumo de peixe para a saúde e para o ambiente. Josep Domingo, especialista em toxicologia, diretor da TecnATox e do Laboratório de Toxicologia e Salud Medioambiental da Catalunha, virá falar da necessidade de equilíbrio entre o consumo dos peixes ricos em ácidos gordos, indicados pelos nutricionistas como positivos para a saúde, e que os toxicologistas veem como portadores de contaminantes prejudiciais aos humanos. No mesmo sentido, Carlos Cardoso, investigador no Instituto

Português do Mar e da Atmosfera, apresentará a sua visão a partir de um estudo efetuado em Portugal que aponta para uma ponderação mais realista dos riscos e benefícios destes produtos, e a sua importância no consumo do pescado em Portugal.

A conferência, com início marcado para as 17h30 no Auditório 2, será antecedida (15h) pela cerimónia da entrega de prémios Nutrition Awards (comunicação em nutrição), a que a Fundação Gulbenkian se associou.

Os prémios destinam-se reconhecer boas práticas e projetos sociais e de investigação em diferentes áreas da nutrição, nomeadamente, saúde pública, nutrição clínica, inovação, qualidade e segurança alimentar e investigação em ciências da nutrição. ■

ALIMENTAÇÃO, AMBIENTE E PESCAS

16 DE OUTUBRO, 17H30

Auditório 2 – Entrada livre

A linguagem secreta do Universo

Há quase quatro séculos, Galileu Galilei escrevia, de forma profética: “A Filosofia [Ciência] está escrita neste grande livro, o Universo, que está permanentemente aberto e ao alcance do nosso olhar. Mas o livro não pode ser compreendido sem antes aprendermos a linguagem e os caracteres em que está escrito. A linguagem é a Matemática, e os caracteres são triângulos, círculos e outras figuras geométricas, sem as quais é humanamente impossível compreender uma única palavra.” (*Il Saggiatore*, 1623.)

Depois de uma interrupção no verão, o ciclo de conferências Matemática: a Ciência da Natureza regressa em outubro, para nos falar de *A Linguagem Secreta do Universo*. O tema será desenvolvido por José Natário, doutorado em Matemática na Universidade de Oxford e atualmente professor do Instituto Superior Técnico, que é também autor do livro *General Relativity without Calculus* (Springer, 2011), no qual tenta explicar as ideias principais da

Relatividade Geral usando apenas Matemática elementar. Nesta conferência irá demonstrar como tudo o que sabemos acerca da Natureza e do funcionamento do Universo, desde os fenómenos quotidianos às galáxias e às partículas elementares, tem vindo a dar razão a Galileu: a Matemática é a linguagem secreta do Universo e, quanto mais profundamente examinarmos os fenómenos, mais sofisticada (e bela) se torna a Matemática necessária para os descrever.

Este ciclo de conferências prossegue, em novembro, com o tema *Trigamia intelectual: Poincaré, Hamilton e Perelman* e termina, em dezembro, com a palestra *A Matemática, o Universo e tudo o resto*. ■

A LINGUAGEM SECRETA DO UNIVERSO, POR JOSÉ NATÁRIO

24 DE OUTUBRO, 18H

Auditório 2 – Entrada livre

Naná Vasconcelos

no Grande Auditório

No âmbito do Ano do Brasil em Portugal, que arrancou em setembro, Naná Vasconcelos, um dos mais consagrados percussionistas do mundo, vai estar no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, no dia **8 de outubro**, às 21h, para um concerto com Lui Coimbra.

Com composições próprias e algumas músicas de Elomar, Zeca Baleiro e Villa-Lobos, numa interpretação instrumental e vocal que equilibra técnica e emoção, Naná Vasconcelos vai dividir o palco com o multi-instrumentista e cantor carioca Lui Coimbra, para um espetáculo que explora a música brasileira erudita e popular.

Natural do Recife, a amplitude de interesses de Naná Vasconcelos levou-o a aprender a tocar praticamente todos os instrumentos de percussão, embora se tenha especializado no berimbau nos anos 60. Viveu em Paris, Nova Iorque e Rio de Janeiro, tendo trabalhado ao longo da sua vasta carreira com Milton Nascimento, Gato Barbieri e Pat Metheny, entre muitos outros nomes de destaque no panorama musical. Aclamado por muitos como “gênio criativo”, Naná Vasconcelos já foi eleito várias vezes como “Melhor Percussionista” pela revista norte-americana *Down Beat* e tem sido agraciado com vários prémios, incluindo o Grammy conquistado no ano passado com o disco *Sinfonia & Batuques*, um sucesso mundial junto da crítica e do

BRASIL
PORTUGAL
AGORA



público, que reúne todo o experimentalismo da música de Naná. Habitualmente ligado a projetos sociais, em fevereiro deste ano, liderou, pelo 11.º ano consecutivo, a Abertura Oficial do Carnaval do Recife, com cerca de 500 batuqueiros de dez nações de maracatu, uma manifestação da cultura popular brasileira afrodescendente.

Antes de Lisboa, Naná Vasconcelos dará concertos com Lui Coimbra no Porto (3 de outubro, Casa da Música) e em Coimbra (5 de outubro, Teatro Académico Gil Vicente).

Com o Ano do Brasil em Portugal e o de Portugal no Brasil pretende-se demonstrar a criatividade e a diversidade de pensamento, das manifestações artísticas e culturais dos dois países, através da promoção de encontros que intensifiquem o intercâmbio científico e tecnológico e estreitem as relações económicas entre o Brasil e Portugal. A programação desta iniciativa bilateral teve início no passado dia 7 de setembro – Dia da Independência do Brasil – e termina em 2013, a 10 de junho – Dia de Portugal. ■



Dia D lança nova temporada Descobrir



O Dia D celebra a **6 de outubro** o lançamento de mais uma temporada **DESCOBRIR** – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura. Vai ser um dia inteiro de atividades para toda a família.

A partir das 10h, os mais pequeninos podem participar em A grande corrida, que propõe encenar a história de Manela e do seu carro maravilhoso. Em simultâneo, começa a primeira sessão de O mural das histórias, uma oficina de construção de narrativas que vai decorrer no Anfiteatro ao Ar Livre. Como não podia deixar de ser, é também lá fora que se realiza a oficina de expressão plástica *Puzzle do jardim*, onde se irá ver crescer uma pintura coletiva gigante. Entretanto, no Museu, aprende-se a fazer retratos: nesta visita-oficina convidam-se participantes de todas as idades a conhecer algumas figuras importantes da coleção do Museu Gulbenkian, regressando depois ao presente para



fazer um retrato de família inspirador e criativo, com a ajuda do estúdio fotográfico e de alguns adereços.

Quem preferir atividades ligadas à música, tem várias opções, que começam na visita de exploração musical *Tocar piano em família*. Aqui, permite-se a concretização de um sonho comum: experimentar a sensação de tocar um instrumento musical tão enigmático e fascinante como o piano. O desafio de familiarização com o piano é, nesta atividade, dirigido a públicos de diferentes idades, a pais, filhos e amigos curiosos e destemidos. Pouco depois, terá lugar a primeira de três conversas musicais com elementos da Orquestra Gulbenkian: Alice Caplow-Sparks (oboé), Filipe Rodrigues (violino), Manuel Rego (contrabaixo), Pedro Pacheco (violino), Raquel Reis (violoncelo) e Vera Dias (fagote) vão tocar algumas das suas peças favoritas e vão falar sobre os seus instrumentos. Será a altura ideal para fazer perguntas e esclarecer dúvidas. Nenhuma ficará por responder, por palavras e por música.

A tarde continuará animada com o espetáculo multimédia *Piada Forte!*, que, em duas sessões, convida o público a descobrir um piano que “não é virtual, mas que funciona digi-tal-e-qual”. Em complemento, realiza-se a oficina criativa *AlgaRítmica* (“uma prima afastada do algoritmo”), destinada ao público mais jovem, que aqui poderá descobrir os segredos e a magia do espetáculo multimédia a que



assistiu, com a possibilidade de experimentar os instrumentos musicais e virtuais utilizados.

Exclusivamente para o público adulto, haverá uma visita-passeio à exposição *As cores do pensamento: a arte abstrata dos neurónios*, no Jardim Gulbenkian, onde se apresentam vários painéis com representações visuais do cérebro em grande formato, lado a lado com reproduções de obras de arte. Antecipando a realização do Fórum *Brain.org*, na semana seguinte (9 e 10 de outubro), esta será uma oportunidade para refletir sobre as relações invisíveis entre o mundo, o ato criativo e a conectividade cerebral. ■

Todas as atividades terão o preço simbólico de 1€.

Mais informações: www.descobrir.gulbenkian.pt



A Nossa Casa Arde a Sul – Para que serve a ajuda ao desenvolvimento?

Serge Michailof e Alexis Bonnel

De que serve ajudar África financeiramente? Esta é uma questão recorrente, que muitos colocam e sobre a qual Serge Michailof tem refletido ao longo das últimas quatro décadas, construindo uma sólida carreira ligada ao desenvolvimento, com passagem por cerca de 60 países de todos os continentes. Este livro é, antes de mais, o culminar dessa aprendizagem no terreno.

Diz o escritor Érik Orsenna, que assina o prefácio da obra agora disponível em versão portuguesa, *A Nossa Casa Arde a Sul*: “É uma viagem meticulosa, país a país, atenta às complexidades e às contradições. Uma viagem que não se deixa obnubilar pelos dramas, mas procede ao inventário dos sucessos, dos dinamismos, da força viva associada às mudanças de geração. Uma viagem que não condena antes de começar por explicar. E que, depois de explicar, propõe sempre. Ninguém denuncia mais severamente as corrupções dos dois Congos, as delapidações de Madagáscar ou dos Camarões, o escândalo do Gabão, países onde o solo e os presidentes são tão ricos e a população tão pobre, desprovida de tudo e sem dispor sequer de hospitais adequados. Mas será isso razão para abandonarmos a ajuda ao desenvolvimento?”

Professor universitário no Institut d'études politiques de Paris e consultor regular do Banco Mundial e de várias outras instituições de ajuda ao desenvolvimento, bem como conselheiro de inúmeros governos, Serge Michailof não tem parado de percorrer os quatro cantos do mundo para pôr os seus conhecimentos, a sua lucidez e a sua experiência incomparável ao serviço dos países em dificuldades. Junto com Alexis Bonnel, conselheiro da Agência Francesa de Desenvolvimento, Serge Michailof explica-nos neste livro as razões pelas quais a ajuda internacional é não só desejável, como essencial, e como o desmoronamento dos países do Sul não deixará incólumes as sociedades ditas ocidentais. Publicado em França em 2010, esta edição em português chega-nos agora pela mão da Tinta da China, em parceria com o Programa Gulbenkian Próximo Futuro e o Programa Gulbenkian de Apoio ao Desenvolvimento. A tradução é de Miguel Serras Pereira. ■

Outras edições **Género, afectos e poderes**

Representações sociais em crianças do ensino básico
Célia Cristina Soares

Lições das Sombras

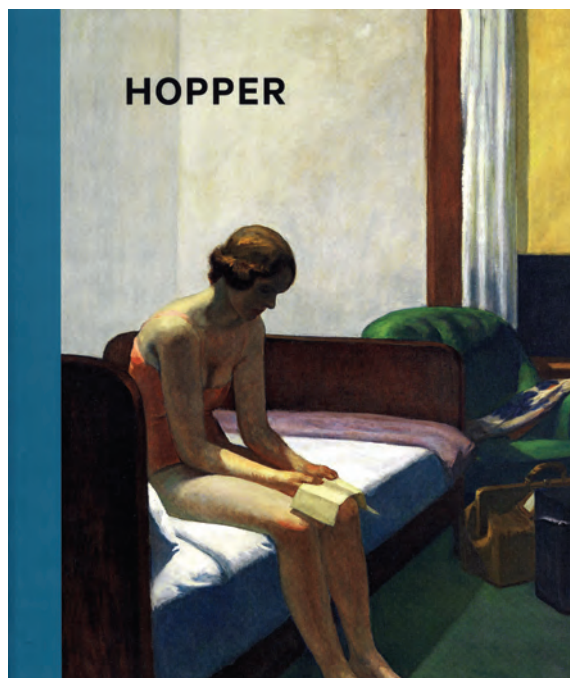
Imagens e histórias das sombras projetadas na experiência e conhecimento do mundo
Susana Oliveira

Terras de Sofala: persistências e mudança

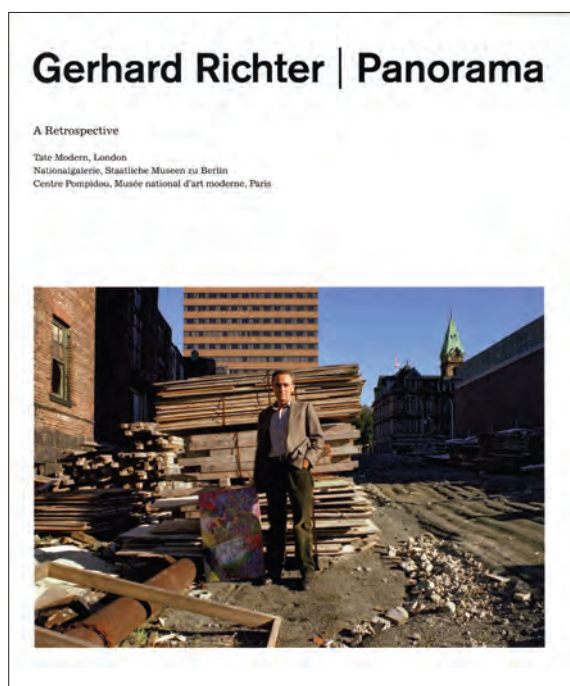
Ana Cristina Roque

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

A exposição que o Museo Thyssen-Bornemisza (Madrid) inaugurou em junho, mostrando a obra do pintor norte-americano Edward Hopper (1882-1967), poderá ser visitada no Grand Palais (Paris), de 10 de outubro até o final de janeiro de 2013. Foi a primeira retrospectiva de Hopper realizada em Espanha e, no Museo Thyssen-Bornemisza – que detém o maior número de obras deste pintor fora dos Estados Unidos –, foram mostrados cerca de 70 trabalhos; em Paris, a exposição é mais abrangente, expondo-se cerca de 160 obras, entre pintura, desenho e ilustração, organizadas cronologicamente, começando pelos anos de formação do pintor (1900-1924), colocando-as em diálogo com as de outros pintores seus contemporâneos – americanos e franceses – que o terão inspirado, passando pelos trabalhos de ilustração, até às suas últimas obras de maturidade, que lhe trouxeram um reconhecimento tardio. A Biblioteca de Arte disponibiliza o catálogo em castelhano, que contém três ensaios: dois dos comissários, Tomàs Llorens e Didier Ottinger, e um do historiador de arte Valeriano Bozal, a reprodução das obras expostas, uma cronologia ilustrada da vida do pintor e uma bibliografia. ■



Quase um ano depois de ter sido inaugurada, em outubro de 2011, na Tate Modern, em Londres, a exposição *Gerhard Richter: Panorama, a retrospective*, recebeu os últimos visitantes no dia 24 de setembro, em Paris, no Centre Pompidou, Musée d'art moderne. Entre estas duas cidades, esteve também alguns meses em Berlim, na Neue Nationalgalerie dos Staatliche Museen. Dedicada a Gerhard Richter (Dresden, 1932), a exposição não só mostrou a sua produção artística nos últimos 50 anos, como foi igualmente uma celebração do seu 80.º aniversário, tendo tido a particularidade de cada um dos museus ter apresentado uma montagem diferente. Na Tate, as obras foram organizadas cronologicamente, mostrando como Richter trabalhou determinados temas em momentos distintos; em Berlim, foi a ideia de panorama que predominou na conceção do espaço expositivo, mais aberto, permitindo uma visão global da sua obra; finalmente, em Paris, a luz natural foi o elemento escolhido para dar mais ênfase aos trabalhos de Richter com vidro e espelhos, explorando-se as tensões entre os seus temas mais intimistas e os de cariz mais político. Finda a exposição, fica dela para memória futura o cuidado catálogo publicado pela Tate. Este catálogo, que tal como a exposição teve a colaboração de Gerhard Richter, tem a coordenação editorial de Mark Godfrey e Nicolas Serota, contém uma entrevista realizada na primavera de 2011 por Serota a Richter, oito ensaios sobre a sua produção artística, intercalados com a reprodução das obras, e uma cronologia ilustrada. ■



Centro de Arte Moderna

Sinfonia Azul, 1920

António Carneiro

O perfil psicológico e alguns aspetos mais conturbados da vida de António Carneiro têm marcado o discurso sobre a sua obra com um tom por vezes hagiográfico. Mesmo quando recusa a componente laudatória, esse discurso acaba por justificar a obra com a biografia, o que nem sempre permite um melhor entendimento da sua pintura. António Carneiro fez vários retratos ao longo da sua carreira de pintor, muitos por encomenda, quer sobre papel a sanguínea, lápis ou carvão, quer pinturas a óleo de amigos, familiares e destacados membros da sociedade. Embora reconhecido no seu tempo pela comunidade nortenha como grande retratista, foi consagrado *a posteriori* sobretudo pelas melancólicas e perturbantes paisagens, assinalando-se a notável singularidade dos seus quadros noturnos, tendo o retrato, por comparação com o contemporâneo Columbano, sido menos considerado. No entanto, as pinturas dos membros da sua família e de amigos mais próximos, feitas sem a necessidade de satisfazer exigências de encomenda, são igualmente singulares.

Sensível às linguagens mais expressivas e simbólicas da pintura *fin de siècle*, com que contactou na sua passagem por França, onde estudou entre 1897 e 1900, António Carneiro explorou a possibilidade de abordar os temas moldando-os com a pincelada, com empastelamentos e raspagens que tornam o desenho preparatório secundário ou mesmo dispensável. A par desta pesquisa especificamente pictórica, trabalhou sempre também o desenho, no qual era exímio. Porém, quando o desenho adquire peso maior na sua pintura, ela resulta em quadros mais académicos.

Sinfonia Azul é uma dessas telas produzidas em contexto doméstico e tem como modelo a filha do pintor, Maria Josefina, mas talvez seja pouco acertado chamar-lhe retrato. O quadro joga com o contraste entre a escuridão interior e a luz branca, matinal, que entra pela janela à esquerda, encandeando a portada e projetando reflexos na parede, no livro aberto no chão, no vestido e corpo da jovem mulher sentada. A gradação dos negros, cinzentos, cinzento-azulados e brancos cria a atmosfera azul que o título refere. Apenas alguns apontamentos de amarelo e tons acastanhados são permitidos e fazem da imagem uma visão acolhedora, contrariando a frieza das restantes cores usadas. O rosto emerge da penumbra apenas pela iluminação, com pinceladas rosa sumárias que lhe esboçam, mas não revelam, a expressão. É a luz, cujos reflexos saltam entre as pregas do vestido, os braços nus e o rosto, revelando a presença da figura feminina, que dá azo à metáfora musical. O título completa o quadro na medida em que faz a leitura poética do momento intimista e apaziguador pintado. O corpo feminino apresenta-se, assim, mais como um elemento que ajuda a criar este ambiente do que como uma figura retratada. ■ Mariana Pinto dos Santos

António Carneiro (1872-1930)

Sinfonia Azul, 1920

Assinado e datado Óleo sobre tela; 78,5 x 63,5 cm N.º Inv. 83P44 – Coleção do CAM – Fundação Calouste Gulbenkian

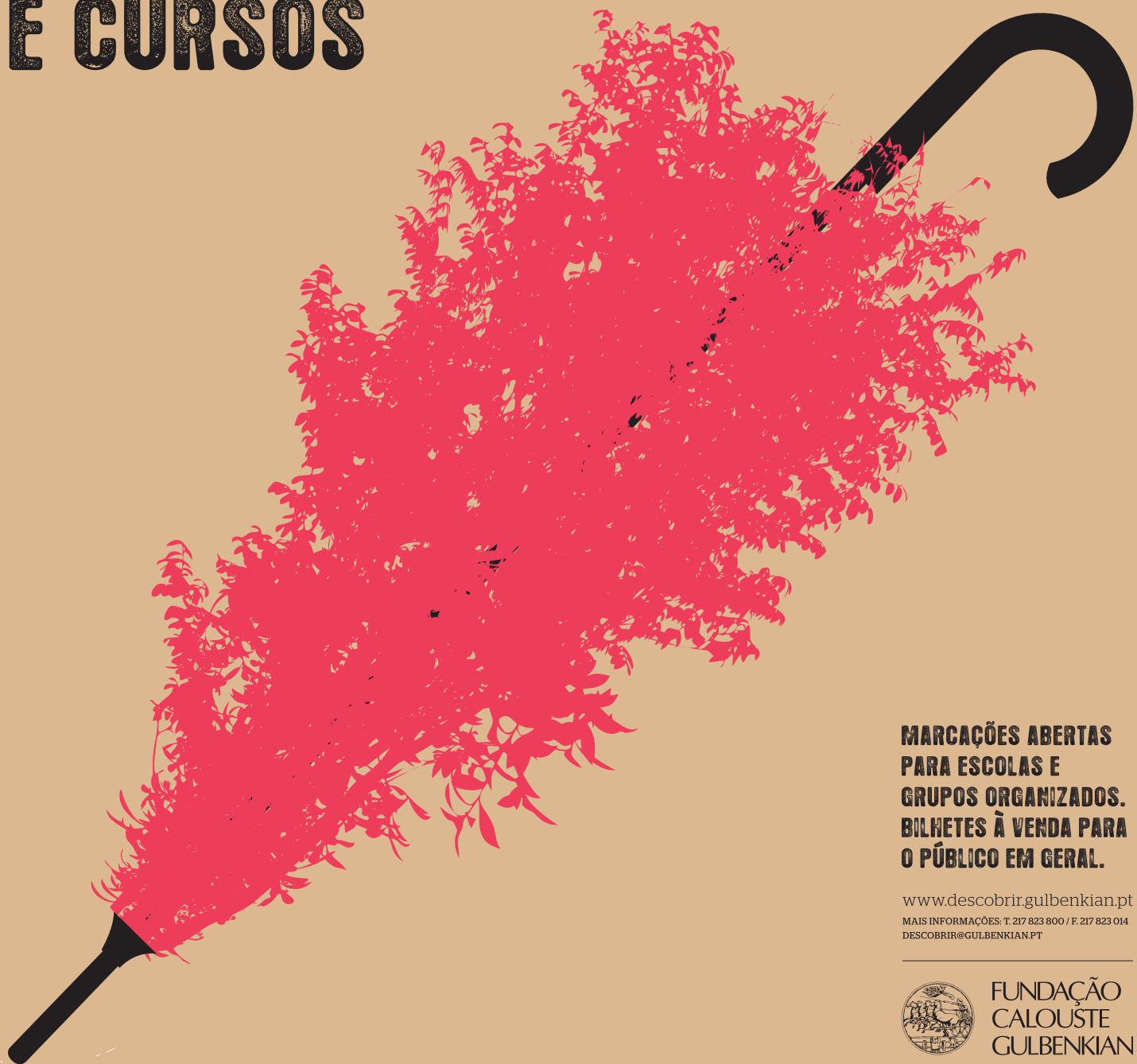


DESCOBRIR

Programa Gulbenkian
Educação para a Cultura e Ciência

TEMPORADA 12/13

VISITAS, OFICINAS, CONCERTOS E CURSOS



**MARCAÇÕES ABERTAS
PARA ESCOLAS E
GRUPOS ORGANIZADOS.
BILHETES À VENDA PARA
O PÚBLICO EM GERAL.**

www.descobrir.gulbenkian.pt
MAIS INFORMAÇÕES: T. 217 823 800 / F. 217 823 014
DESCOBRIR@GULBENKIAN.PT



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN